

978-65-5621-196-1 E-BOOK

LÉLIA  
GONZALEZ

(orgs.)

Amanda Christinne Nascimento Marques  
Camila Duarte de Oliveira  
Josineide da Silva Bezerra  
Vivianne de Sousa

*Lélia  
Gonzalez*

*relações étnico-raciais e lugares de  
re-existências*



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES

REITOR

Valdiney Veloso Gouveia

VICE-REITORA

Liana Filgueira Cavalcante

DIRETOR DO CCTA

Ulisses Carvalho da Silva

VICE-DIRETOR

Fabiana Cardoso Siqueira

CONSELHO EDITORIAL DESTA PUBLICAÇÃO

José David Fernandes

Carlos José Cartaxo

Magno Alexon Bezerra Seabra

José Francisco de Melo Neto

Ulisses Carvalho da Silva

Marcílio Fagner Onofre

EDITOR

Ulisses Carvalho da Silva

SECRETÁRIO DO CONSELHO EDITORIAL

Paulo Vieira

LABORATÓRIO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO

COORDENADOR

Pedro Nunes Filho

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E AGRÁRIAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BÁSICAS E SOCIAIS

**LÉLIA GONZALEZ: relações étnico-raciais  
e lugares de re-existências**

**Comitê científico**

Aline Barboza de Lima (UFCG)  
Amanda Christinne Nascimento Marques (UFPB)  
Iranice Gonçalves Muniz (UFPB)  
Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo (UFCG)  
Josias Castro Galvão (UFPB)  
Josineide da Silva Bezerra (UFPB)  
Maria de Fátima Ferreira Rodrigues (UFPB)  
Maria Salomé Lopes Fredrich (UFOPA)  
Mariana Borba de Oliveira (UFPB)  
Monaliza Rios Silva (UFAPE)  
Nilton Abranches Júnior (UERJ)  
Patrícia Rosalba Salvador Moura Costa (UFS)

Diagramação, projeto gráfico e capa

Perazzo Freire da Silva Júnior (Macumba Estúdio Criativo)

Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Setorial do CCTA da Universidade Federal da Paraíba

L541 Lélia Gonzalez: relações étnico-raciais e lugares de (re) existências [recurso eletrônico] / Organização: Amanda Christinne Nascimento Marques ... [et al.]. - João Pessoa: Editora do CCTA, 2021.

Recurso digital (2,37MB)

Formato: ePDF

Requisito do Sistema: Adobe Acrobat Reader

ISBN: 978-65-5621-196-1

1. Lélia Gonzales, 1935-1994 - Vida e obra. 2. Feminismo negro - Brasil. 3. Mulher negra - Movimentos feministas. 4. Raça e gênero - Estudos - Brasil. I. Marques, Amanda Christinne Nascimento.

UFPB/BS-CCTA

CDU: 929:012

# ***Agradecimentos***

Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias - CCHSA/UFPB

Departamento de Ciências Básicas e Sociais - DCBS/CCHSA/UFPB

Coordenação do Curso de Pedagogia - CCHSA/UFPB

Grupo de pesquisa Gestar: território, trabalho e cidadania - CNPq/  
UFPB

GT - Território e Etnicidade/Gestar/CNPq/UFPB

Perazzo Freire da Silva Júnior (Macumba Estúdio Criativo)



**Sumário**

Apresentação	<b>6</b>
Prefácio: Do lugar do negro às itinerâncias libertárias de Lélia Gonzalez	<b>12</b>
Lélia Gonzalez: vida e obra	<b>16</b>
O que dizem sobre Lélia?	<b>35</b>
Materiais de apoio ao professor	<b>39</b>
Referências	<b>60</b>

APRESENTAÇÃO



***Apresentação***

## Apresentação

Amanda Christinne Nascimento Marques

Camila Duarte de Oliveira

Josineide da Silva Bezerra

Vivianne de Sousa

Mil nações moldaram minha cara  
 Minha voz uso pra dizer o que se cala  
 O meu país é meu lugar de fala  
 Mil nações moldaram minha cara  
 Minha voz uso pra dizer o que se cala  
 Ser feliz no vão, no triz, é força que me embala  
 O meu país é meu lugar de fala  
 Mil nações moldaram minha cara  
 Minha voz uso pra dizer o que se cala  
 Ser feliz no vão, no triz, é força que me embala  
 O meu país é meu lugar de fala  
 Pra que separar?  
 Pra que desunir?  
 Pra que só gritar?  
 Por que nunca ouvir?  
 Pra que enganar?  
 Pra que reprimir?  
 Por que humilhar e tanto mentir?  
 Pra que negar que ódio é o que te abala?  
 (Elza Soares. *O que se cala*. Álbum: *Deus é Mulher*, 2018).

Cantada por Elza Soares, a música “O que se cala” é uma composição de Douglas Germano. Tomada como epígrafe, essa canção nos remete a um sentido de lugar, que é uma categoria analítica da ciência geográfica à qual recorreremos em diferentes passagens deste catálogo.

Acostada a um viés identitário, a perspectiva de pertencimento a um dado lugar é problematizada na música. *Mil nações moldaram minha cara* aponta para um sentido de nação, sendo este relacionado à diversidade cultural que compõe o país, a partir de indígenas nativos, negros e europeus.

Em verso, variadas questões são acenadas: *Pra que separar? Pra que desunir? Pra que só gritar? Por que nunca ouvir? Pra que enganar? Pra que reprimir? Por que humilhar e tanto mentir? Pra que negar que ódio é o que te abala?*

Tais questões ganham evidência sob o embalo de uma artista negra, a qual, por sua vez, pode ser remetida a uma população estimada em 15 milhões de pessoas escravizadas, ao considerarmos a colonização e a formação do Brasil. Nesse recorte, temos uma população diretamente relacionada a uma história de intolerâncias, mas, igualmente, de resistências (REIS, 2000).

Ao longo dessa história, apesar de sua expressividade, o lugar da/o negra/o na sociedade de classes foi de sistemática invisibilização, sendo, às avessas, incluídos perversamente nas diferentes lógicas estabelecidas pelo capitalismo aqui vigente.

Ainda no embalo de Elza Soares, a música também nos remete a outro sentido de lugar, sendo este o lugar de fala. A voz da artista é utilizada em sua arte de fazer cantar e de se fazer falar sobre a sua condição de mulher negra. É a possibilidade, no presente, da soltura de uma voz outrora silenciada, mas que, hoje, se posiciona em seu “lugar de fala” (RIBEIRO, 2017).

Assim como essa cantora, outras mulheres negras usam o seu lugar para pronunciar sua condição social, em todo o país e em diferentes áreas de atuação. Nesse âmbito, nomes como os de Clementina de Jesus, Carolina Maria de Jesus, Sueli Carneiro, Conceição Evaristo, Djamilá Ribeiro, Neusa Santos Souza, Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez aparecem como aqueles de grande representatividade.

As referências à mulher negra e à importância dos estudos sobre suas alteridades emergiram de um debate iniciado no interior do movimento feminista, alicerçado na segunda onda do feminismo, que teve grande repercussão entre os anos de 1960/70, nos Estados Unidos.

O propósito era o de trazer à discussão as diferentes formas de opressão sofridas pelas mulheres negras, até então não pautadas nas reivindicações dos movimentos de mulheres que atuaram antes disso.

Com base em Spivak (2003), salientamos a situação de subalternidade vivenciada pelas mulheres negras, que merece ser pensada à luz de aspectos que lhes são mais específicos. Com esse apelo, destacamos as dinâmicas interseccionais, provenientes das dimensões e dos entrecruzamentos entre gênero, classe e, igualmente, raça.

De acordo com Davis (2016), as mulheres negras tinham dificuldade de apresentar suas demandas específicas no interior das organizações de mulheres, sobremaneira constituídas por mulheres brancas de classe média, cujas bandeiras estavam voltadas a direitos trabalhistas, ao sufrágio e à fecundidade. Demandas essas que passavam (e ainda passam) por aspectos de classe, mas também de raça.

Nesse curso, os anos de 1970, por meio da organização dos “novos” movimentos sociais (GONH, 2007), o feminismo negro ganhou ensejo no Brasil, centralizando o debate sobre o antirracismo e as formas de opressão da mulher negra.

Com esse viés, Carneiro (2003) aponta para uma necessidade de se *enegrecer o feminismo*, no esforço de dar a conhecer as trajetórias das mulheres negras e expressar o caráter multirracial do movimento feminista, ampliando as suas reivindicações e frentes de atuação.

Fazia-se necessária a existência de um movimento focado nessas mulheres, que assumisse demandas específicas, ante as práticas sexistas do movimento negro e, em outra medida, diante das práticas racistas do movimento de mulheres.

Com essa perspectiva, as primeiras pautas estiveram relacionadas ao mundo do trabalho, no qual a mulher negra é inferiorizada. Afinal, de modo majoritário, ocupa setores considerados como de “menor” importância e, por consequência, de menor remuneração.

De outro modo, no decorrer do século XX, o Brasil conheceu um crescente da presença de mulheres negras em espaços

*Lélia Gonzalez: relações étnico-raciais e lugares de re-existência*

acadêmicos, ampliando-se a produção intelectual produzida a partir desse segmento. No entanto, muitos dos escritos dessas mulheres tiveram pouca repercussão. Isso pode nos aproximar do entendimento de que o racismo opera em diferentes setores e sob múltiplas facetas, engendrando contornos estruturais.

Todavia, recentemente, essas leituras, até então “silenciadas”, ganharam mais visibilidade. Trata-se de uma produção que possibilita não só entender os lugares de (re)existência dessas mulheres, mas sobretudo dar a conhecer as suas reflexões acerca da sociedade brasileira.

Contextualmente, o processo de redemocratização do país, marcado pela promulgação da Constituição de 1988, conferiu ânimo aos movimentos sociais, principalmente em relação a movimentos voltados à defesa de uma cultura de respeito à diversidade e à afirmação da cultura negra.

Esse texto legal veio a reconhecer os mais amplos direitos ao povo brasileiro: direitos sociais (educação, saúde, trabalho, lazer, segurança, previdência social, proteção à maternidade e à infância, assistência aos desamparados); direito à liberdade de expressão; e negação formal da discriminação racial.

Nesse ambiente, destacamos a Lei 10.639/2003, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), ao incluir no currículo oficial de ensino a temática História e Cultura Afro-Brasileira, e a Lei 11.645/2008, que institui a obrigatoriedade da História e da Cultura Afro-Brasileira e Indígena em todos os níveis de ensino.

Essa legislação é considerada um avanço no atendimento a reivindicações dos movimentos sociais e para a educação brasileira, ao inserir essas temáticas como obrigatórias nos programas curriculares. Assim, temos que a questão étnico-racial e a busca por igualdade foram reconhecidas como uma política de Estado.

Daí a importância deste catálogo sobre Lélia Gonzalez. O nosso propósito é o de apresentar a trajetória de uma mulher negra, que teve sua história “silenciada” e/ou representada sob o pré-julgamento da inferioridade.

Justificamos a sua pertinência à luz do plano nacional de implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana; e, antes disso, das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. À maneira desse aparato, podemos desenvolver projetos que visem a

divulgação e estudo da participação dos africanos e de seus descendentes em episódios da história do Brasil, na construção econômica, social e cultural da nação, destacando-se a atuação de negros em diferentes áreas do conhecimento, de atuação profissional, de criação tecnológica e artística, de luta social (BRASIL, 2004, p.23).

Lélia Gonzalez legamos um grande contributo para os estudos raciais e de gênero no Brasil. Soma-se aos seus escritos a sua atuação militante no Movimento Negro Unificado (MNU). Escritos e militâncias alçados a libertários, especialmente no contexto da então vigente ditadura militar (1964-85).

A sua trajetória acadêmica se deu nas ciências humanas. Coursou Geografia e História na Universidade Estadual da Guanabara (atual UERJ) e, depois, graduou-se em Filosofia. Fez, ainda, mestrado em Comunicação e doutorado em Antropologia Social.

Este catálogo foi produzido por intermédio do apoio institucional do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal da Paraíba (CCHSA/UFPB), a partir do edital para bolsa de estudante de Demanda Social. Igualmente, envolveu o grupo de pesquisa Gestar: Território, Trabalho e Cidadania – CNPq/UFPB.

\*\*\*\*\*



# ***Prefácio***

Maria de Fátima Ferreira Rodrigues

# Do lugar de negro às itinerâncias libertárias de Lélia Gonzalez

Maria de Fátima Ferreira Rodrigues<sup>1</sup>

*Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais contadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história.*

Walter Benjamin, em **O narrador**.

Quem folheia este catálogo vê-se vis-à-vis com o resultado de uma pesquisa que revela no percurso empreendido, o acesso a farta documentação e conteúdos diversificados de autoria de Lélia Gonzalez e sobre Lélia Gonzalez, material que foi organizado pela equipe do projeto “Mulher negra: trajetória de Lélia Gonzalez e sua importância para os estudos das relações étnico-raciais”.

Neste trabalho, foram catalogadas fotografias, livros, artigos acadêmicos e entrevistas que permitem visualizar uma mulher com enorme potencial acadêmico e político, uma militante comprometida com a sua etnia, com a educação e com as pautas sociais.

Acompanhei a construção deste trabalho num movimento em que me pus próximo da equipe; ora de dentro, no grupo de estudos *Território e etnicidade*, que também integrou a pauta do projeto; ora de fora, executando outras tarefas acadêmicas - mas vendo a chegada da safra de ideias e a colheita dos produtos acadêmicos, obtidos a partir das atividades extensionistas e de pesquisa -, numa convivência próxima e fraterna com as integrantes do projeto, mulheres, amigas, colegas de ofício, ex-orientandas.

<sup>1</sup> Professora titular da Universidade Federal da Paraíba e do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas.

Foi gostoso fazer esse percurso num movimento pendular, ora como ouvinte, ora como interlocutora, enfim, dialogando sobre um tema com o qual temos percorrido estradas, trilhas e quilombos, acompanhando a execução de pesquisas da iniciação científica ao doutorado.

Rever o percurso de Lélia Gonzalez implicou, para a equipe, empreender uma viagem em que o acompanhante descobre fatos alvissareiros e tristes, estarrece e se confronta com a história social do Brasil na perspectiva de reescrevê-la, e, sobretudo, ressignificá-la. Nesse percurso, vê-se a história familiar da mulher Lélia; os dilemas de sua etnia, os desafios de um país cindido, o Brasil, frente ao seu passado escravocrata e amordaçado por suas escolhas políticas e geopolíticas, com seus preconceitos e com o racismo estrutural; vê-se também a etnia negra e a mulher negra a dar passos firmes na perspectiva da participação política, da emancipação e da busca por reparação.

No conjunto das obras apresentadas neste catálogo, defrontamo-nos com a mulher Lélia Gonzalez enredada em sua própria teia de relações e de escolhas, confrontada com os seus dilemas na convivência com o outro e redescoberta por si mesma, num percurso que a conduziu à psicanálise.

Vemos a criança Lélia, no enquadre da sua história de vida, assumindo tarefas que não deveriam ser do universo infantil; e uma jovem em busca de sua formação interdisciplinar, movimentando-se na perspectiva da construção de relações pessoais e em busca de dar conta dos seus afetos, na vida familiar, amorosa, profissional e social.

No trânsito de Minas Gerais ao Rio de Janeiro, Lélia Gonzalez consegue, com apoio do irmão, jogador de futebol, ter acesso à escola e a uma boa formação acadêmica. Torna-se, nesse caminho, a única da família a cursar o ensino superior. Vive dois casamentos que a ajudam a visualizar com mais clareza a complexidade da leitura sobre a condição social e geograficamente imposta ao negro e que o empurra a ocupar o “lugar de negro”, fato que ela interpreta numa visão libertária. No primeiro casamento, tem como companheiro um homem branco e solidário à problemática étnico-racial, embora originário de uma família que não a aceita por sua condição étnica; tem um segundo casamento com um

mulato, que não aceita a própria origem étnica. A convivência com ambas as situações trouxe a si sofrimentos e dores.

Em Lélia Gonzalez, tem-se, acima de tudo, uma viajante curiosa e criativa, a fazer e a desfazer as próprias bagagens, para também desfazer-se dos seus pesos; nesse movimento, há um fluxo constante a alimentar os seus diálogos itinerantes, os quais a levaram aos conceitos de “pretuguês” e “latinoamefricanidade”.

O seu legado intelectual tem tocado e inspirado mulheres negras, não brancas, mas também pesquisadoras de pele branca que adotam princípios antirracistas, como ocorre no “Gestar: território, trabalho e cidadania”, grupo de pesquisa que apoiou esta iniciativa e que se inspira e se beneficia da obra dessa intelectual, sobre quem desejamos dialogar a fim de contribuir para a divulgação das suas ideias, do seu pensar.

O catálogo revela, em parte, a nossa *práxis*, a qual se constrói com o pensar crítico, chão da nossa história, faceta que também nos leva a convidar o(a) leitor(a) a seguir as nossas pistas, num percurso que enseja visualizar, pelo olhar de Lélia Gonzalez, instrumentos capazes de uma leitura apropriada do Brasil e da América Latina.

O catálogo traz também a marca da inspiração afrodescendente nas cores, formas e luzes que compõem as ilustrações cuidadosamente pensadas por Perazzo Freire, designer do trabalho, escolhas que foram dialogadas com a equipe.

\*\*\*\*\*

The background features large, light purple letters spelling 'VIDA E OBRA' in a grid. A yellow asterisk is positioned over the 'V' and 'A', and a white asterisk is between the 'A' and 'E'. A large orange abstract shape is at the bottom, partially overlapping the 'O' and 'B' of 'OBRA'.

***Lélia Gonzalez:  
vida e obra***

Amanda Christinne Nascimento Marques, Camila Duarte de Oliveira,  
Josineide da Silva Bezerra e Vivianne de Sousa

## Lélia Gonzalez: vida e obra

*Amanda Christinne Nascimento Marques*

*Camila Duarte de Oliveira*

*Josineide da Silva Bezerra*

*Vivianne de Sousa*

Mulher, negra e afro-latino-americana são marcadores utilizados por Lélia Gonzalez para expressar seu lugar. Com ele, atuou na desconstrução de imaginários sociais que sinalizam o racismo estrutural, que permeia a sociedade brasileira.

A sua biografia denota a trajetória ascendente de uma mulher negra que galgou espaços acadêmicos, mas também os movimentos sociais e os partidos políticos. Igualmente, nos remete a uma inclusão perversa<sup>2</sup>, que se assemelha à de muitas famílias da classe trabalhadora: era filha de ferroviário negro e de doméstica indígena<sup>3</sup>, sendo a penúltima entre dezoito irmãs(os).

Lélia nasceu em Minas Gerais, em 1935. Pouco depois, na década de 1940, a família migrou para o Rio de Janeiro. Diferente das/os irmãs/os, que tiveram que trabalhar cedo para colaborar com as contas da casa, Lélia pôde concluir os seus estudos (RATT'S; RIOS, 2010). Segundo Viana, ao migrarem para o Rio de Janeiro, um dos seus irmãos:

Alugou uma casa de vila no Leblon. Nesse bairro iniciou o curso primário na Escola Manuel Cícero, localizada na Praça Santos Drumond. Posteriormente, Jaime comprou uma casa para a família no subúrbio de Ricardo de Albuquerque, onde Lélia concluiu o primário. O ginásio, cursou na Escola Rivadávia Correia e concluiu o Colegial/Científico, em 1954, no Colégio Pedro II, com cerca de 19 anos. (VIANA, 2006, p. 48-49).

2 Martins (1997) critica o uso do termo exclusão social, considerando a estrutura de classe das sociedades capitalistas. Nela, é mais cabível pensarmos no engendramento de uma inclusão que é perversa.

3 Acácio Joaquim de Almeida e Urcinda Seraphina de Almeida.

Depois de formada, veio a ser professora do Colégio de Aplicação da UERJ, da Universidade Gama Filho, das Faculdades Integradas Estácio de Sá e da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

De acordo com Barreto (2005), durante sua trajetória, organizou e integrou grupos de discussão que tinham o propósito de analisar a realidade brasileira, a par da condição social das/os negras/os. Os grupos se reuniam em diferentes lugares, amparados em esquemas de segurança, tendo em vista o contexto autoritário dos anos de 1960/1970.

Lélia não teve filhos biológicos, tendo criado Rubens de Almeida, filho de uma de suas irmãs, Maria das Dores. Foi casada por duas vezes. O primeiro casamento foi com Luiz Carlos Gonzalez, de origem espanhola, e de quem manteve o sobrenome. Com ele, viveu uma relação breve e conturbada, dada a sua não aceitação pela família do marido, por questões raciais.

Vicente Marota foi o segundo marido. Marota não se reconhecia como um homem negro. Neste aspecto, Lélia o tomava como o exemplo de alguém que incorporou padrões de branquitude. Incisiva, ao refletir sobre a suposta democracia racial que caracteriza o país, Lélia se apegou à “jabuticaba” como fruta-metáfora (com sua casca preta e polpa branca). Com ela, aponta a introjeção das marcas do racismo entre as pessoas de cor:

A psicologia do “jabuticaba” é das mais interessantes. De um modo geral é o negro (ou negra) que “subiu na vida”. Como o processo da ascensão social do negro brasileiro ocorre normalmente em termos individuais, ele passa pela lavagem cerebral do branqueamento. Ou seja, cada vez mais distanciado da comunidade negra, ele vai internalizando e reproduzindo os valores ideológicos “brancos” (racismo), chegando ao ponto de se envergonhar e finalmente desprezar sua comunidade de origem. (GONZALEZ, 2020, p. 212).

Para além desses aspectos familiares, Ratt’s e Rios (2010) apontam para outras questões. Lélia viveu sob a demarcação de um lugar de assimilação do imaginário branco, que a direcionava para um padrão comportamental “dócil”, “disciplinado” e de visualização dos estudos como único caminho de aceitação pelo outro. Afirma a estudiosa:

Passei por aquele processo, que eu chamo de lavagem cerebral dado pelo discurso pedagógico brasileiro, porque na medida em que eu aprofundava meus conhecimentos, eu rejeitava cada vez mais a minha condição de negra. (GONZALEZ, 1994, p. 383).

Nesse curso, tornar-se uma pessoa “embranquecida” é incorporar padrões de normatividade socialmente construídos, regrados por um referencial de branquitude, como estes: inteligente e cordial para ser aceita; adepta do cabelo “alisado” para não destoar; ou disposta a roupas que não chamem atenção. Ou seja, vigora a incorporação do arquétipo do opressor, no intento de se conter a opressão.

Como crítica a essa normatividade, Lélia destaca que passou a ser considerada como uma pessoa de “cuca” – alguém que é tido como inteligente, e, portanto, que se difere do outro por um sentido hierarquizante. Esse sentido é aquele do ideal europeizante da “superioridade branca”.

Inscrita nesse debate, Souza (1983, p. 10) assinala:

A reação do pensamento negro frente à violência do ideal branco não é uma resposta ao desprazer da frustração, elemento periférico do conflito, mas uma réplica da dor. O sujeito negro, diante da “ferida” que é a representação de sua imagem corporal, tenta, sobretudo, cicatrizar o que sangra.

De outra maneira, Lélia vivenciou a sua história de “tornar-se” negra em seu sentido estético e individual, momento em que passa a se definir uma mulher que ocupa os lugares com potência, revelando-se em protagonismo. Essa fase é representativa de alguém que passou a se reconhecer enquanto mulher negra, que buscou o autorreconhecimento por meio da psicanálise, bem como pela articulação com movimentos como o MNU.

“Tornar-se negra” levou um tempo, sendo um despertar para as questões geradoras da subalternização do povo negro. Nesse curso, passou por influência de Franz Fanon, Eimé Cesaire, Neusa Santos Souza e outras/os intelectuais que refletiram sobre o colonialismo e a condição das pessoas negras na sociedade de classes.

As roupas e o cabelo marcaram a mudança na sua estética, mas também atuaram no posicionamento de uma mulher que reconheceu seu lugar e papel social na construção de uma luta antirracista.

A estudiosa é relevante no contexto das relações étnico raciais, abrindo caminhos para o reconhecimento individual da exclusão sofrida por mulheres negras e homens negros; assim como pela sua atuação na vida social, trazendo uma contribuição acadêmica para que pensemos em marcas de opressão e violências contra a população negra. Nessa autora, temos a força de uma escrita potente, com um saber sentido e agido.

Aqui, destacamos o livro *Lugar de Negro*, de 1982, escrito em parceria com Carlos Hasenbalg. Com ele, temos a construção de pautas étnico-raciais no Brasil, de reivindicações políticas ao fomento de espaços acadêmicos.

Para ela, o racismo estrutural aponta para dificuldades no tornar-se e assumir-se negra/o, bem como para lugares de exclusão socioespacial, sob uma pertença deslocada, que impõe um espaço racializado de destinação. Envolvem, entre outros, as periferias dos centros urbanos e a ocupação dos postos de trabalho mais precarizados.

Esses lugares, descritos pela autora, seguem recorrentes. Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública<sup>4</sup>, em 2019, a cada 100 pessoas assassinadas, 75 eram negras. A chance de um jovem negro ser assassinado é 2,7 vezes maior que entre os jovens brancos. Nos indicadores, as periferias das cidades são os lugares de maior violência. No que diz respeito à mulher, em 2019, houve aumento de 11,3% nos casos de feminicídio, entre todas as vítimas, 61% eram negras.

Nesse contexto, a inclusão é igualmente excludente, à luz de um acesso insuficiente às políticas públicas. Desse modo, para Lélia Gonzalez (1982), a existência do povo negro está associada a uma condição subalterna.

Ao tempo em que fala desse lugar inferiorizado, a autora também ressalta os processos organizativos do povo negro e, com eles, temos a resistência e o combate às opressões. Vale indicarmos alguns passos que confirmam esses processos, descritos por Gonzalez (1982):

- 1931: 1ª Frente Negra Brasileira
- 1945: Clube Negro de Cultura Social

<sup>4</sup> Disponível em: [https://forumseguranca.org.br/publicacoes\\_posts/a-violencia-contras-negros-e-negras-no-brasil/](https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/a-violencia-contras-negros-e-negras-no-brasil/). Acesso: 15/out/2020.

- 1960: Teatro Experimental do Negro
- 1970: Grupos de Jovens Negros (Soul e Black Rio)
- 1975: Semana dos Estudos sobre o Negro na Formação Social Brasileira, promovido na UFF (GT André Rebouças)
- 1976: Centro de Estudos Brasil-África
- 1976: Curso de Cultura Negra no Brasil
- 1978: Cadernos Negros
- 1978: Movimento Negro Unificado – MNU

Entre 1978 e 1980, como dirigente do MNU, Lélia Gonzalez viajou para África do Sul, Burquina Faso, Senegal, Estados Unidos, Canadá, Finlândia, Suíça e Londres, com o propósito de conhecer a realidade das mulheres nesses países, assim como proferir palestras e participar de eventos. De acordo com Viana (2006), ela lia e falava bem inglês e francês, e participou de muitas atividades no exterior e no Brasil:

*Seminários A Mulher sob o Apartheid* promovidos pela ONU, no Canadá e na Finlândia, foi vice-presidente, participando do *Encontro Preparatório da Conferência da Década da Mulher na Suíça*, da *Conferência Alternativa da Década da Mulher em Copenhague*, do *II Congresso das Culturas Negras das Américas* bem como proferiu palestras nos Estados Unidos, Europa e África (Senegal, Alto Volta e Mali), que concedeu entrevista nesses continentes à imprensa escrita, falada e televisada, participou das manifestações pelo Dia da Libertação Africana, 25 de abril, e inclusive “o Dia Nacional da Consciência Negra, o nosso 20 de novembro, foi comemorado em Londres”. Em 1981, com a proximidade das eleições, suas viagens diminuem de intensidade e ela se dedica à propaganda e articulação de sua campanha. Nesse ano, conhece a Serra da Barriga, em Palmares (AL), e participa do I Seminário sobre Palmares (Maceió, AL), compõe o primeiro Diretório Nacional do Partido dos Trabalhadores (1981-1984). Colabora com *Jornal Mulherio* (SP) na seção *Mulher Negra*, publica os artigos “Mulher Negra, essa Quilombola” e “A Questão Negra no Brasil”, inclusive seu texto de referência: *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*. (VIANA, 2006, p. 95).

Tais caminhos denotam um sentido de articulação em espaços de luta, com bandeiras que atuavam e atuam contra o racismo e contra as intolerâncias. Fizeram emergir canais de sociabilidade, de anunciação da cultura afro-latino-americana e de reflexão acadêmica.

Assim como exposto por Gonzalez (1982), as decisões coletivas nem sempre eram consensuais. Houve embates, os quais também foram ressignificados a partir de um ativismo que reivindicava a

inserção das pautas das mulheres negras, dentro e fora daquelas organizações.

Disso, emergiram espaços de diálogos, como a constituição de grupos de mulheres no interior do MNU e fora dele, a exemplo do N'ZINGA: coletivo de mulheres negras, criado na década de 1980. Para Lélia (2020, p.108):

A escolha do nome de N'zinga tem a ver com a nossa preocupação de resgatar um passado histórico recalçado por uma “história” que só fala dos nossos opressores. A famosa rainha Jinga (N'zinga) teve um papel da maior importância na luta contra o opressor português em Angola. O pássaro que usamos como símbolo tem a ver com a tradição Nagô, segundo a qual a ancestralidade feminina é representada por pássaros. E nossas cores têm a ver, o amarelo com Oxum e o roxo com o movimento internacional de mulheres.

O ativismo contribuiu com as suas reflexões sobre a condição das mulheres negras no país, à luz de um olhar crítico em relação à propalada democracia racial brasileira, baseada na ideia da existência de uma nação constituída pela diversidade dos povos que a ocuparam, sendo eles, supostamente, iguais e postos ao bom convívio. Gilberto Freyre (2003) foi um dos maiores expoentes dessa tese.

Em sua obra *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira* (1980), amparada em autores da psicanálise e do pensamento social brasileiro, Lélia Gonzalez afirma que o racismo é um sintoma da neurose cultural do país.

Usando termos do que chama de “pretuguês”, ressalta que a nossa cultura carrega marcas de um vocabulário afro-brasileiro. Com eles, busca uma leitura acadêmica que se preocupe em chegar “nas bases”, procurando se fazer entender pelo semelhante. Lélia destaca a importância da sua mãe na formação sua compreensão da vida social:

Desnecessário dizer que a divisão interna da mulher negra na universidade é tão grande que, no momento em que você se choca com a realidade de uma ideologia preconceituosa e discriminadora que aí está, a sua cabeça dá uma dançada incrível. Tive que parar num analista, [o que me] ajudou muito. A partir daí, fui transar o meu povo mesmo, ou seja, fui transar candomblé, macumba, essas coisas que eu achava que eram primitivas. Manifestações culturais que eu, afinal de contas, com uma formação em Filosofia, transando uma forma cultural ocidental tão sofisticada, claro que não podia olhar como coisas importantes. Mas enfim: voltei às origens, busquei as minhas raízes e passei a perceber, por exemplo, o papel importantíssimo que a minha mãe teve na minha

formação. Embora índia e analfabeta, ela tinha uma sacação assim incrível a respeito da realidade em que nós vivíamos e, sobretudo, em termos da realidade política. E me parece muito importante eu chamar atenção para essa figura, a figura de minha mãe, porque era uma figura do povo, uma mulher lutadora, uma mulher inteligente, com uma capacidade de percepção muito grande das coisas e que passou isso para mim... que a gente não pode estar distanciado desse povo que está aí, senão a gente cai numa espécie de abstracionismo muito grande, ficamos fazendo altas teorias, ficamos falando de abstrações... enquanto o povo está numa outra, está vendo a realidade de uma outra forma. (GONZALEZ, 1994, p. 384).

Para ela, o racismo se estrutura por intermédio de um poder que se manifesta pela naturalização das opressões, cujo resultado é a inferiorização do negro. A hierarquia provoca um sentido violento, visto que, atrelado à sua própria condição de ser, se expressa em adjetivações como malandro, improdutivo e de capacidade intelectual baixa. Portanto, sendo incapaz, o negro pode ser pronunciado, subjugado e subalternizado.

Aos adjetivos que remetem à inferiorização e à falta de tolerância com a alteridade, Gonzalez (1980) chama de “infantilização do negro”. Ou seja, um ser incapaz e de pouco crédito social. Ainda faz-se necessário apontar outro fator que age como aliado ao fenômeno ora mencionado: a meritocracia como único caminho de ascensão dos negros.

Nessa direção, Souza (2018), outro pensador que discute a formação da sociedade brasileira, demonstra que houve uma legitimação das elites no plano econômico, moral e teórico. Os menos abastados, os quais se confundem com as pessoas negras, são as maiores vítimas da violência simbólica e dos processos de dominação:

A legitimação pela “inteligência” é um dado necessário para a violência simbólica de um tipo de dominação social que tem que legitimar os próprios privilégios por uma espécie de “talento inato”, a “inteligência” das classes superiores, que “merecem” – a definição cabal da “meritocracia” –, portanto, os privilégios que efetivamente possuem [...] a violência simbólica bem-feita tem que mostrar que as classes dominantes são, além de mais inteligentes, “melhores” e mais “virtuosas”. (SOUZA, 2018, p. 95).

Assim, temos as faces da violência que se impõem contra a população negra. Esses argumentos são utilizados, sobremaneira, para criar um sentido individual para demandas que, em efetivo,

são coletivas. De outro modo, também servem para negar a importância de políticas de reparação já promovidas, a exemplo das ações afirmativas.

No que diz respeito às mulheres, a carga simbólica opera nos espaços de subalternização, a par de lugares de pouco prestígio social: a casa, a cozinha e a unidade do privado. Em dadas situações, chega-se a um questionável protagonismo, com a mulher negra ocupando espaço no samba e no Carnaval, com corpos que são reverenciados em uma cena pública. Aqui, o que temos é um sentido degradante da sexualização, reprodutora da normatividade patriarcal.

A linha entre o patriarcado e a misoginia é tênue: o corpo negro, que é reverenciado e desejado na cena pública, é violentado duplamente pelo desejo de um “corpo disponível”, mas posto a aversões, em seguida. A volta ao lugar da intolerância é marcada por um desejo que se finda após a passagem da festa. Para Gonzalez (1980), o “espetáculo do outro” mulher é transitório<sup>5</sup>.

Apesar da espetacularização dos corpos e das classificações vexatórias, para Lélia (1980) os marcadores sociais da diferença, assim como as trocas culturais de saberes do povo negro, são constantemente transmitidos pelas mulheres negras, por meio do que ela apresenta como “coisas nossas”, sendo o samba, o maracatu, o frevo e o candomblé fundamentais à constituição da nação.

A resistência da mulher negra não se faz apenas pelo enfrentamento às opressões, mas também pelo convívio cotidiano das casas de seus patrões. Exemplifica o ato de transmissão do saber pela figura das mães pretas, que são as que criam os filhos das famílias de classes abastadas; e, nesse jogo entre trabalho e cuidado, terminam compondo o referencial da negritude.

Os escritos engajados de Lélia Gonzalez fizeram-na propor uma categoria que atendesse aos construtos acadêmicos e políticos para pensar a América. Para Gonzalez (2020 [1988]), era preciso desconstruir o padrão europeu dicotômico e de feição histórica que levava em consideração análises sobre o colonizador-colonizado. Os pares dicotômicos, nesse contexto,

<sup>5</sup> Para Hall (2016), o espetáculo do “outro” cria formas representativas de uma alteridade, por meio da estereotipagem reproduzida em peças publicitárias que utilizam modelos negros, jornais, filmes e revistas.

foram resultado, no dizer de Quijano (2005), de uma violência epistêmica.

Aqui, para Gonzalez (2020 [1988]), ao dimensionar a produção afro-latino-americana, é preciso reconhecer o peso que os negros e os indígenas tiveram na formação das nações do Sul. Para isso, é necessário quebrar padrões hegemônicos do saber europeu que classificou os grupos étnicos baseados em sua estratificação.

O texto referido acima foi escrito em 1988, momento ímpar para a construção da democracia brasileira. Ano em que tivemos a promulgação da Constituição Federal atual, que incorporou pautas sociais, fruto de muita articulação e mobilização no enfrentamento ao conservadorismo no país.

E, para Lélia Gonzalez, romper com as marcas da ditadura e do racismo estrutural exigia a ocupação de espaços na política partidária e a busca pela inserção de uma agenda voltada à população negra.

Assim, ela participa da formação do Partido dos Trabalhadores (PT), sendo candidata a deputada estadual pelo Rio de Janeiro, em 1985; e a deputada federal pelo PDT, em 1986, ficando na suplência nessas tentativas. No interior do PT, procurou incluir as pautas raciais, enfrentando a resistência de integrantes do partido, que entendiam a centralidade da luta pelas questões de classe. Essa resistência a levou a migrar para o PDT, vindo a escrever um texto intitulado: “Racismo por Omissão”<sup>6</sup>.

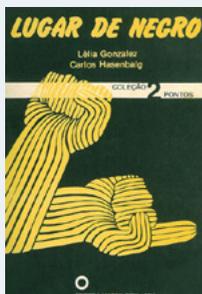
Os escritos e as leituras realizadas sobre a autora indicam um pensamento além do seu tempo, há muito afirmando a transversalidade de marcados de classe, mas também de gênero e raça.

A literatura recente sobre a questão do negro e os indicadores sociais demonstram uma permanência da divisão racial do espaço, entretanto, em sua trajetória, a autora nega e assume uma postura de enfrentamento dessa lógica. Para isso, ocupa espaços de anúncio dos seus saberes ancestrais, acadêmicos e políticos nos movimentos sociais, nas faculdades e nos espaços de cultura. Lélia Gonzalez faz do lugar do negro um espaço de re-existências.

\*\*\*\*\*

6 Cf. GONZALEZ (2020, p.220).

## Livros publicados



GONZALEZ, L.; HASENBALG, C. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.



GONZALEZ, L. **Festas Populares no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Index, 1987.



GONZALEZ, L. **Lélia Gonzalez: primavera para as rosas negras**. São Paulo: UCPA Editora, 2018.



GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Organização: Flávia Rios, Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

## Artigos científicos



GONZALEZ, L. Por um feminismo afro-latino-americano. In: HOLLANDA, H. B. de. **Pensamento Feminista Hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.



GONZALEZ, L. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. In: **Revista de Ciências Sociais Hoje**: Anpocs, 1984. P. 223-244.

Os artigos produzidos pela autora foram publicados, em 2020, por Flávia Rios e Marcia Lima na obra *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*.

## Textos em jornais



Jornal Nacional do Movimento Negro Unificado. **Lélia Gonzalez**. Entrevista, Salvador, 1991, Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/wpcontent/uploads/2013/07/entrevista-lelia-mnu.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2020.



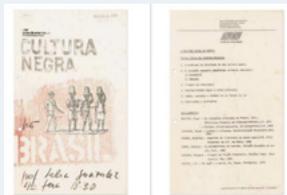
GONZALEZ, L. Racismo por Omissão. **Jornal Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 de agosto de 1983. Artigo. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/11/19/racismo-e-machismo-mantem-mulheresnegras-no-grupo-de-menores-salarios-do-pais>. Acesso em: 03 ago. 2020.



PEREIRA, A. M.; HOLLANDA, H. B. **Patrulhas Ideológicas**. Entrevista com Lélia Gonzalez, 1979, Disponível em: <http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/obras-em-prelugues/entrevistas.jsp>. Acesso em: 03 ago. 2020.



GONZALEZ, L. Lélia fala de Lélia. **Revista Estudos Feministas**, n. 2, 2º semestre de 1994, p. 383-386. Extraído de depoimento dado a Carlos Alberto e Heloísa Buarque de Hollanda, *Patrulhas Ideológicas*, São Paulo Brasiliense, 1984. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16220/14767>. Acesso em: 03 ago. 2020.



GONZALEZ, L. **A cultura negra no Brasil**, 1976. Ementa, Acervo Memória Lage, Disponível em: [http://www.memorialage.com.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/14612/livro\\_hospedando\\_lelia\\_gonzalez\\_visualizacao.pdf](http://www.memorialage.com.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/14612/livro_hospedando_lelia_gonzalez_visualizacao.pdf). Acesso em: 03 ago. 2020.



ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE. **Culturas negras no Brasil**. Disponível em: [http://www.memorialage.com.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/14612/livro\\_hospedando\\_lelia\\_gonzalez\\_visualizacao.pdf](http://www.memorialage.com.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/14612/livro_hospedando_lelia_gonzalez_visualizacao.pdf). Acesso em: 03 ago. 2020.



GONZALEZ, L. **A presença negra na cultura brasileira**. GAM - Galeria de Arte Moderna, Rio de Janeiro, março de 1977, n° 37, Acervo Memória Lage. Disponível em: [http://www.memorialage.com.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/14612/livro\\_hospedando\\_lelia\\_gonzalez\\_visualizacao.pdf](http://www.memorialage.com.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/14612/livro_hospedando_lelia_gonzalez_visualizacao.pdf). Acesso em: 03 ago. 2020.



GONZALEZ, L. Mulher Negra. **Mulherio**, ano I, n. 3, set/out, 1981. Acervo Lélia Gonzalez, Disponível em: [http://www.memorialage.com.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/14612/livro\\_hospedando\\_lelia\\_gonzalez\\_visualizacao.pdf](http://www.memorialage.com.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/14612/livro_hospedando_lelia_gonzalez_visualizacao.pdf). Acesso em: 03 ago. 2020.



GONZALEZ, L. **E a cidadania da mulher e do negro?** 1986. Capa. Acervo Lélia Gonzalez. GONZALEZ, L. Quem é Lélia Gonzalez. **E a cidadania da mulher e do negro?**, 1986. Acervo Lélia Gonzalez Disponível em: [http://www.memorialage.com.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/14612/livro\\_hospedando\\_lelia\\_gonzalez\\_visualizacao.pdf](http://www.memorialage.com.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/14612/livro_hospedando_lelia_gonzalez_visualizacao.pdf). Acesso em: 03 ago. 2020.

# Fotografias



**Figura 1:** Lélia em sua formatura no ginasial. Colégio Rivadávia Corrêa. Rio de Janeiro, 1951. Fonte: Acervo Lélia Gonzalez Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CFUcrA-1AuHD/>. Acesso em: 01 dez. 2020.



**Figura 2:** Lélia Gonzalez, 1966. Fonte: Acervo Lélia Gonzalez. Disponível em: <http://www.projeto memoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/>. Acesso em: 01 dez. 2020.



**Figura 3:** Lélia no meio dos livros, se dividindo entre os estudos, o magistério e as publicações. Bairro da Tijuca, Rio de Janeiro, 1968. Fonte: Acervo Lélia Gonzalez. Disponível em: <http://www.projeto memoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/>. Acesso em: 01 dez. 2020.



**Figura 4:** Lélia Gonzalez, Cosme Velho, Rio de Janeiro, década de 1980. Fonte: Acervo JG/Foto Januário Garcia. Disponível em: <http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/>. Acesso em: 01 dez. 2020.



**Figura 5:** III Conferência Mundial sobre a Mulher, Nairobi, Quênia, 1985. Fonte: Acervo Lélia Gonzalez. Disponível em: <http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/>. Acesso em: 01 dez. 2020.



**Figura 6:** Lélia Gonzalez. Em campanha eleitoral para deputada federal pelo PT. Rio de Janeiro, 1982. Fonte: Acervo JG/Foto Januário Garcia. Disponível em: <http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/>. Acesso em: 01 dez. 2020.



**Figura 7:** Com o filho Rubens, uma força fundamental na campanha, 1982. Fonte: Acervo JG/Foto Januário Garcia. Disponível em: <http://www.projetomemoria.art.br/lelia-Gonzalez/galeria/>. Acesso em: 03 dez. 2020.



**Figura 8:** Lélia ao lado de Benedita da Silva, à esquerda, na posse da primeira presidenta do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher - CNDM, Ruth Escobar. Setembro, 1985. Fonte: Empresa Brasileira de Notícias/Getúlio Gurgel Disponível em: <http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/>. Acesso em: 03 dez. 2020.



**Figura 9:** Lélia entre amigos no dia de sua posse no Planetário da Gávea. Rio de Janeiro, agosto de 1987. Fonte: Acervo Lélia Gonzalez Disponível em: <http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/>. Acesso em: 03 dez. 2020.



**Figura 10:** Dia Nacional da Consciência Negra. Serra da Barriga, Alagoas, 1981. Fonte: Acervo JG. Foto: Januário Garcia. Disponível em: <http://www.projeto memoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/>. Acesso em: 03 dez. 2020.



**Figura 11:** Lélia com Beatriz Nascimento e Abdias do Nascimento: personalidades que lutaram contra o racismo e, por meio de estudos pioneiros sobre o tema, mostraram ao mundo a realidade do Brasil, questionando o mito da democracia racial. Três forças que ajudaram a fundar o MNU em agosto de 1978. Fonte: Acervo Lélia Gonzalez. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CFhTRUJA4bR/?igshid=1knphxofkp3nw>. Acesso em: 03 dez. 2020.



**Figura 12:** Registro de Lélia e Angela Davis no Seminário 1985 & Beyond. Baltimore, EUA. Fonte: Projeto Memória. Foto: Acervo Lélia Gonzalez. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CFUc8D=-AWQi/?igshid=f91kh6k523ht>. Acesso em: 03 dez. 2020.



**Figura 13:** Lélia em reunião no Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), do qual foi uma das fundadoras. Rio de Janeiro. Fonte: Projeto Memória. Foto: [januariogarciaoficial](https://www.instagram.com/p/CFUc8D-AWQj/?igshid=f91kh6k523ht). Disponível: <https://www.instagram.com/p/CFUc8D-AWQj/?igshid=f91kh6k523ht>. Acesso em: 03 dez. 2020.

\*\*\*\*\*

O \* O O U

E \* D

Z E M \*

S O B R

***O que dizem  
sobre Lélia?***

# Livros publicados sobre Lélia Gonzalez



RATT'S, A.; RIOS, F. **Lélia Gonzalez**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

## Dissertações de mestrado

BARRETO, R. de A. “Enegrecendo o feminismo” ou “Feminizando a Raça”: narrativas de libertação em Angela Davis e Lélia Gonzalez. Dissertação (Mestrado em História). PUC-Rio, Rio de Janeiro: 2005.

VIANA, E. do E. S. Relações Raciais, Gênero e Movimentos Sociais: o pensamento de Lélia Gonzalez 1970-1990. Dissertação (Mestrado em História Comparada). UFRJ, Rio de Janeiro: 2006.

## Artigos científicos

AMBRA, P. O lugar e a fala: a psicanálise contra o racismo em Lélia Gonzalez. The place and the speech: psychoanalysis against racism in Lélia Gonzalez. **SIG Revista de Psicanálise** (2019). Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2014000300015](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2014000300015). Acesso: 11 fev. 2021.

CARDOSO, C. P. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. **Rev. Estud. Fem.** v. 22 n. 3 Florianópolis, set./dez. 2014. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2014000300015](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2014000300015). Acesso: 11 fev. 2021.

CEVA ALA. Lélia Gonzalez – fazendo escola. **Revista Mosaico**. 2015 jan./jun. 06 (1): 23-28. Disponível em: <https://doi.org/10.21727/rm.v6i1.128>. Acesso: 11 fev. 2021.

DADOS BIOGRÁFICOS. Lélia Gonzalez. **LITERAFRO**, Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/ensaistas/1204-lelia-gonzalez>. Acesso: 11 fev. 2021.

FERREIRA, R. C. **O lixo vai falar, e numa boa**. As possíveis relações entre o feminismo negro norte-americano e a obra de Lélia Gonzalez. In: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Disponível em: [http://www.eeh2018.anpuhrs.org.br/resources/anais/8/1531185635\\_ARQUIVO\\_RenataCoutinhoFerreira.pdf](http://www.eeh2018.anpuhrs.org.br/resources/anais/8/1531185635_ARQUIVO_RenataCoutinhoFerreira.pdf). Acesso: 11 fev. 2021.

GARRIDO, M. C. de M. Atuação militante de Lélia Gonzalez na discussão da Constituição Federal de 1988. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 25, p. 435 - 463, jul./set. 2018. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/download/2175180310252018435/9407/48215>. Acesso: 11 fev. 2021.

LEMONS, R. de O. **Feminismo negro em marcha**: o pensamento de Lélia Gonzalez e a marcha das mulheres. (2015). Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/325534393\\_FEMINISMO\\_NEGRO\\_EM\\_MARCHA\\_O\\_PENSAMENTO\\_DE\\_LELIA\\_GONZALEZ\\_E\\_A\\_MARCHA\\_DAS\\_MULHERES-2015\\_LEMONS\\_Rosalia\\_de\\_Oliveira](https://www.researchgate.net/publication/325534393_FEMINISMO_NEGRO_EM_MARCHA_O_PENSAMENTO_DE_LELIA_GONZALEZ_E_A_MARCHA_DAS_MULHERES-2015_LEMONS_Rosalia_de_Oliveira). Acesso: 11 fev. 2021.

MACHADO, J.; SILVA, R. L.; BANDOUI, T.; CARRILHO, U. Hospedando Lélia Gonzalez (1935-1994). In: **Projeto de Pesquisa da Biblioteca** | Centro de Documentação e Pesquisa da EAV Parque Lage. Disponível em: [http://eavparquelage.rj.gov.br/wp-content/uploads/2020/03/livro\\_hospedando\\_lelia\\_gonzalez\\_visualizacao.pdf](http://eavparquelage.rj.gov.br/wp-content/uploads/2020/03/livro_hospedando_lelia_gonzalez_visualizacao.pdf). Acesso: 11 fev. 2021.

OLIVEIRA, A. C. A. Lélia Gonzalez e o pensamento interseccional: uma reflexão sobre o mito da democracia racial no Brasil. **Interritórios** | Revista de Educação Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, Brasil, v. 6 n. 10, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/interritorios/article/view/244895>. Acesso: 11 fev. 2021.

PAULA, A. **Lélia Gonzalez**. PUC-Rio. Disponível em: [https://www.mawell.vrac.puc-rio.br/7183/7183\\_3.PDF](https://www.mawell.vrac.puc-rio.br/7183/7183_3.PDF). Acesso: 11 fev. 2021.

RATTS, A. As amefricanas: mulheres negras e feminismo na trajetória de Lélia Gonzalez. **Fazendo Gênero 9**, Diásporas, Diversidades, Deslocamentos (2010) Disponível em: [http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278274787\\_ARQUIVO\\_Asamefricanas.pdf](http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278274787_ARQUIVO_Asamefricanas.pdf). Acesso em: 11 fev. 2021.

SILVA, P. G. Emancipação política por meio de práticas comunicativas alternativas: Léliz Gonzalez no jornal Mulherio. **Revista Dispositiva**, v. 9, n. 15, p. 194-214, jan/jul 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2237-9967.2020v9n15p194-214>. Acesso em: 11 fev. 2021.

TESE LÉLIA GONZALEZ - MUDA PT COM RAÇA E CLASSE. Contribuição d@s militantes do Quilombo Nacional Petista para o VI Congresso Nacional do PT. Disponível em: <https://pt.org.br/wp-content/uploads/2017/04/tese-lelia-gonzalez-definitiva-docx.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2021.

TOLENTINO, J. Lélia Gonzalez: uma filósofa brasileira abalando as estruturas. (2019). **Em construção, arquivos de epistemologia histórica e estudos de Ciência**. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/emconstrucao.2019.40848>. Acesso em: 11 fev. 2021.

\*\*\*\*\*



***Materiais de  
apoio ao professor***

## Vídeos de entrevistas com Lélia Gonzalez



CLIQUE PARA ACESSAR!

**Título:** CULTNE DOC - O Negro e Publicidade - Lélia Gonzalez

**Duração:** 3min56seg

**Resumo do conteúdo:** O vídeo discute a temática do negro e o seu papel na publicidade, a partir de entrevista realizada com Lélia Gonzalez. Considerando suas experiências como professora de alunos estrangeiros, relata que, na televisão brasileira, assim como na América Latina, existe uma contradição tendo em vista que as imagens televisivas demonstram um país branco, enquanto no cotidiano, a maioria da população é negra. Para ela, é um racismo disfarçado, os produtos de primeira categoria são vendidos para o público branco, enquanto os de segunda categoria, como aqueles destinados aos serviços domésticos, são para negros.

**Referências:** CULTNE DOC. **O Negro e Publicidade** - Lélia Gonzalez. Disponível em: [https://youtu.be/fMWQTtq\\_2Bk](https://youtu.be/fMWQTtq_2Bk). Acesso em: 23 out. 2020.



CLIQUE PARA ACESSAR!

*Título:* CULTNE DOC - Lélia Gonzalez - 1981

*Duração:* 5min57seg

*Resumo do conteúdo:* Em entrevista concedida em 1981, Lélia fala dos autores o senegalês Cheikh Anta Diop e o americano William Edward Burghardt "W. E. B." Du Bois como dois pensadores negros reconhecidos no mundo. Em relação ao primeiro autor, Lélia faz um relato de seus estudos sobre África, notadamente a civilização egípcia, promotora de grande diáspora negra para outros continentes, como Europa e Ásia.

*Referências:* CULTNE DOC. **Lélia Gonzalez**. 1981. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dYbXevFBOxI>. Acesso em: 23 out. 2020.

# Mesas-redondas, entrevistas, documentários e demais produções audiovisuais sobre Lélia Gonzalez



CLIQUE PARA ACESSAR!

**Título:** Lélia Gonzalez - Ciência & Letras

**Duração:** 25min18seg

**Resumo do conteúdo:** Entrevista concedida ao Ciência e Letras, programa criado em uma parceria entre a Editora Fiocruz e o Canal Saúde, tendo as participações de Elisabeth Viana, mestra em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e a doutoranda em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Raquel Barreto. A discussão discorre sobre os primeiros contatos que tiveram com Lélia Gonzalez, sua biografia, militância e legado de defesa que deixou através de sua participação no movimento negro e como feminista.

**Referências:** CIÊNCIA & LETRAS. **Lélia Gonzalez**. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=jGD\\_OLgzsPw](https://www.youtube.com/watch?v=jGD_OLgzsPw). Acesso em: 27 out. 2020.



CLIQUE PARA ACESSAR!

*Título:* Flup Digital 2020: Lélia Gonzalez, uma intelectual amefricana

*Duração:* 5 vídeos com duração média de 01min40seg cada

*Resumo do conteúdo:* A organização FLUP realizou ciclos de diálogo sobre Lélia Gonzalez, com o objetivo de discutir sua obra em diálogo com temas correlatos a sua trajetória. Foram cinco encontros virtuais, intitulados: Ancestralidade Lélia Gonzalez: A mulher Negra na Sociedade Brasileira; Arte, cultura e política: arte como potência política; Pretuguês: a linguagem e a reinvenção afro-brasileira como ato político; O que temos em comum além das nossas cicatrizes?; Quais são os outros diálogos possíveis entre nós e Amefricanidades: para dar luz às sabedorias e às experiências negras e ameríndias no continente americano, com participação de convidados e mediadores, como Cida Bento, Jurema Werneck, Giovana Xavier, Dani Balbi, Katú Mirim, Yasmim Thayná, Dione Carlos, Rosana Paulino, Roberta Estrela D'alva, Luz Ribeiro, Célia Xakriabá, Rosane Borges, Raquel Barreto, Sônia Guajajara, Eugênio Lima, Alex Ratts e Flávia Rios.

*Referências:* FLUP DIGITAL. **Lélia Gonzalez, uma intelectual amefricana**. Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLK00Qf2NeLr3frbT1bNqpWDCvImMGZ-va>. Acesso em: 23 out. 2020.



CLIQUE PARA ACESSAR!

**Título:** Pensamento Descolonial: Lélia Gonzalez, por Júlia Abdalla

**Duração:** 01h01min

**Resumo do conteúdo:** Neste vídeo, a socióloga Júlia Abdalla aborda a vida e a obra da intelectual, política, professora e antropóloga brasileira Lélia Gonzalez e como ela foi ponte para seus conhecimentos sobre o feminismo negro, estrutura ideológica e movimentos do MNU.

**Referências:** QUEM SOMOS NÓS?. **Pensamento Descolonial:** Lélia Gonzalez, por Júlia Abdalla - Quem Somos Nós? Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r1WL5y2deoY>. Acesso em: 27 out. 2020.

Sumário

Apresentação

Prefácio

Lélia Gonzalez:  
vida e obra

O que dizem  
sobre Lélia?

Materiais de apoio  
ao professor

Referências



CLIQUE PARA ACESSAR!

**Título:** Lélia Gonzalez: O Racismo Estrutural

**Duração:** 08min46seg

**Resumo do conteúdo:** Jaqueline Conceição fala sobre a intelectual e o racismo estrutural que estudava. Explica que Lélia foi buscar em Lacan respostas para o desejo acerca das mulheres negras e também informa a visão de Lélia sobre as relações de poder e como o racismo é visto como um tabu, o que Lélia chama de neurose cultural brasileira.

**Referências:** CASA DO SABER. **Lélia Gonzalez: O Racismo Estrutural.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X2ruqJntOWc&>. Acesso em: 27 out. 2020.

Sumário

Apresentação

Prefácio

Lélia Gonzalez:  
vida e obra

O que dizem  
sobre Lélia?

Materiais de apoio  
ao professor

Referências



CLIQUE PARA ACESSAR!

**Título:** Feminismo Afro-latino-americano e Amefricanidade. Como pensava Lélia Gonzalez?

**Duração:** 13min30seg

**Resumo do conteúdo:** Simone Nascimento apresenta a biografia de Lélia e toma como foco o feminismo afro-latino-americano e o seu conceito “Amefricanidade”, criado para se referir à experiência comum de mulheres e homens negros na diáspora e a experiência de homens e mulheres indígenas contra a dominação colonial.

**Referências:** NASCIMENTO, Simone. **Feminismo Afro-latino-americano e Amefricanidade.** Como pensava Lélia Gonzalez? - Simone Nascimento, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FmIVaNmuffY>. Acesso em: 27 out. 2020.

Sumário

Apresentação

Prefácio

Lélia Gonzalez:  
vida e obra

O que dizem  
sobre Lélia?

Materiais de apoio  
ao professor

Referências



CLIQUE PARA ACESSAR!

*Título:* A Pensadora é... Lélia Gonzalez

*Duração:* 02h43min

*Resumo do conteúdo:* As convidadas para este momento de partilha sobre o pensamento de Lélia Gonzalez são: Sueli Carneiro, Vilma Piedade, Ieda Leal e Thula Pires. A mesa relaciona os conceitos criados por Lélia com a atualidade e as experiências das convidadas, que trazem suas identificações pessoais.

*Referências:* PENSAR AFRICANAMENTE. **A Pensadora é... Lélia Gonzalez.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DW1kZ9yzkI8>. Acesso em: 27 out. 2020.

CLIQUE PARA ACESSAR!



**Título:** Lélia Gonzalez - O Feminismo Negro no Palco da História [AGENDA]

**Duração:** 04min12seg

**Resumo do conteúdo:** A professora e integrante da rede Afro LGBT, Rosane Pires relata como Lélia é de inspiração quando se trata do orgulho negro. Lélia traz uma história de total militância durante toda a sua vida, que construiu juntamente com outras importantes referências que fizeram a diferença e deram voz ao seu povo.

**Referências:** AGENDA. **Lélia Gonzalez** - O Feminismo Negro no Palco da História - AGENDA, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WtuOuxqH41E>. Acesso em: 27 out. 2020.

CLIQUE PARA ACESSAR!



**Título:** Projeto Memória - Lélia Gonzalez: O Feminismo Negro no Palco da História

**Duração:** 20min45seg

**Resumo do conteúdo:** A Fundação Banco do Brasil, em parceria com a Rede de Desenvolvimento Humano - Redeh e a Brasilcap, em sua nova edição, apresenta o Projeto Memória - Lélia Gonzalez: o feminismo negro no palco da história. Através deste vídeo Lélia Gonzalez é homenageada, com exposições itinerantes, livro fotobiográfico, almanaque, documentário em DVD e website.

**Referências:** FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL. **Projeto Memória - Lélia Gonzalez:** O Feminismo Negro no Palco da História - Fundação Banco do Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7YYdb6Cl-Mk>. Acesso em: 27 out. 2020.

CLIQUE PARA ACESSAR!



**Título:** Amefricanidade - Documentários

**Duração:** 25min48seg

**Resumo do conteúdo:** Esta edição de Documentários fala sobre a vida e a obra da filósofa, antropóloga, professora, escritora, intelectual, militante do movimento negro e feminista Lélia de Almeida Gonzalez, contando com a participação do fotógrafo e amigo Januário Garcia e da atriz Suzana Pires.

**Referências:** CANAL SAÚDE OFICIAL. **Amefricanidade** - Documentários. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=s-U2xNwkd\\_w](https://www.youtube.com/watch?v=s-U2xNwkd_w). Acesso em: 27/10/2020.



CLIQUE PARA ACESSAR!

*Título:* CULTNE DOC - Seminário Memórias e Heranças -  
Lélia Gonzalez - UERJ

*Duração:* 01h44min

*Resumo do conteúdo:* O vídeo apresenta a palestra do Seminário Memórias e Heranças, realizada na UERJ, sobre a militante histórica Lélia Gonzalez. O evento ocorreu em 29 de julho de 2014, foi feito pela COINTER/UERJ, através do trabalho de João Costa Batista, que dirigiu, em 2004, o III Curso de Atualização em História Negra na UERJ. João Batista é antigo militante na construção de uma ponte entre a universidade e os temas da luta antirracista. O curso foi organizado em cinco módulos temáticos, abrangendo aspectos culturais, históricos, religiosos e sociais do negro na África e diáspora, passando pela escravidão e pelos movimentos de contestação no Brasil, até a história do movimento negro brasileiro, inclusos aí os quilombolas. Os módulos foram: Diáspora; Resistência, Cultura e Cidadania.

*Referências:* CULTNE DOC. **Memórias e Heranças** - Lélia Gonzalez - UERJ, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=41Vcijsjg4>. Acesso em: 27 out. 2020.



CLIQUE PARA ACESSAR!

**Título:** MULHER? QUE MULHER? Racismo no movimento feminista, Lélia Gonzalez e outras reflexões

**Duração:** 21min45seg

**Resumo do conteúdo:** Nátaly Nery enfatiza a luta de Lélia com relação ao movimento feminista, sendo essencial para a visibilidade destas práticas que não contribuem para a luta das mulheres negras.

**Referências:** NERY, Nátaly. **Mulher? Que mulher?** Racismo no movimento feminista, Lélia Gonzalez e outras reflexões. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xMIYnIweRw>. 27 out. 2020.

Sumário

Apresentação

Prefácio

Lélia Gonzalez:  
vida e obra

O que dizem  
sobre Lélia?

Materiais de apoio  
ao professor

Referências



**Título:** AO VIVO | O legado de Lélia Gonzalez e a urgência de um feminismo amefricano

**Duração:** 01h19min

**Resumo do conteúdo:** Este vídeo trata do legado de Lélia Gonzalez, e o debate discorre sobre o feminismo amefricano, designação utilizada para nomear o movimento de mulheres atuantes tanto na esfera da discussão de gênero quanto na luta antirracista.

**Referências:** ESQUERDA ONLINE. **O legado de Lélia Gonzalez e a urgência de um feminismo amefricano.** Ao vivo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m-ymlcKHcW4>. Acesso em: 27 out. 2020.



**CLIQUE PARA ACESSAR!**

**Título:** Lélia Gonzalez e o feminismo afro latino-americano

**Duração:** 56min

**Resumo do conteúdo:** A palestra, concedida pela socióloga Flávia Rios, permeia sobre a forma de Lélia pensar o feminismo afro-latino-americano. Lélia contribuiu bastante nas abordagens com temas originais à frente de seu tempo, e este é o fator principal do debate em pauta.

**Referências:** PENSAR EM DIREITOS HUMANOS. **Lélia Gonzalez e o feminismo afro-latino-americano.** UFG. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=j6iB\\_RZzLyw](https://www.youtube.com/watch?v=j6iB_RZzLyw). Acesso em: 27 out. 2020.

CLIQUE PARA ACESSAR!



**Título:** Sessão 4 (Prêmio Lelia Gonzalez) - Fórum “Ciência Política em foco”

**Duração:** 01h41min

**Resumo do conteúdo:** Tendo a participação de Luiz Augusto Campos (IESP), Iara Rolnik (Ibiratinga), Paula Amiraglia (Nexo Políticas Públicas), Lígia Batista (Open Society), Flávia Rios (UFF) e Flávia Biroli (UnB e ABCP), o vídeo é o 12º Encontro Nacional da ABCP que antecipa o prêmio concedido a Lélia Gonzalez.

**Referências:** ABCP. **Sessão 4** (Prêmio Lelia Gonzalez). Fórum Ciência Política em foco. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ipBP5xLqWLY>. Acesso em: 27 out. 2020.

## Para sala de aula

Este item é dedicado aos educadores e às educadoras para o desenvolvimento de aulas, momentos educativos e espaços de aprendizagem. Seleccionamos algumas indicações, oficinas e temáticas para o desenvolvimento de atividades que possam promover a discussão sobre a vida de Lélia Gonzalez e o seu legado. Optamos por destacar três temas centrais da trajetória de Lélia Gonzalez, são sugestões de atividades que poderão ser executadas em qualquer ambiente de educação formal ou não formal.

### **Tema 01: Raça e racismo**

Os participantes serão recebidos com uma acolhida, envolvendo uma música popular brasileira, de preferência cantada por uma negra ou um negro (sugestão de música: “Canto das Três Raças” - Clara Nunes).

É de suma importância que a sala seja organizada em círculo e que todos possam se ver; que sejam dadas as boas-vindas; e que seja apresentada a temática central da discussão, no caso “Raça e racismo”.

Em seguida, será apresentado este documentário:

Título: O racismo estrutural

Duração: 08min46seg

Disponível em: <https://youtu.be/X2ruqJntOWc>

Após a exibição do documentário, o/a mediador/a deverá apresentar a biografia de Lélia Gonzalez e a sua trajetória ao longo dos anos, assim também como comentar sobre o documentário.

Em seguida, cada participante irá desenvolver, em tarjetas, o que entende por raça e racismo; e posteriormente, compartilhar com o grupo construindo um grande painel de conceitos, valorizando o conhecimento prévio de cada um.

Por fim, o mediador deverá conduzir o debate levando à reflexão tudo o que foi escrito pelos participantes, relacionando a temática de preconceitos no Brasil atualmente e o que essas diferenças acarretam no dia a dia.

Ao final, todos irão avaliar a oficina e dizer como utilizarão o momento no seu cotidiano. Esse espaço pode ser desenvolvido por três expressões geradoras: “Que bom!”, “Que tal?”, “Que pena!”, ou seja, cada participante irá dizer o que foi bom, o que poderá acontecer após esse momento e o que não foi tão bom.

Materiais necessários: datashow, notebook, caixinha de som, tarjetas, fita crepe, canetas (todos os materiais podem ser adaptados).

## **Tema 02: A mulher negra na história do Brasil**

Os/as participantes serão recebidos com fotografias que abordem os vários períodos da mulher negra no processo histórico no Brasil, desde a escravidão e a trajetória nos navios negreiros, passando pela Lei Áurea, até os dias atuais, além das influências culturais, sociais e políticas nesse percurso histórico.

Após a exposição dessas imagens cada participante irá explicar um pouco sobre o que entendeu de cada imagem.

Posteriormente o mediador irá exibir o documentário intitulado *Projeto Memória - Lélia Gonzalez: o feminismo negro no palco da história*, este é o momento de apresentar Lélia e a trajetória das mulheres negras no Brasil.

Título: Projeto Memória - Lélia Gonzalez: o feminismo negro no palco da história

Duração: 20min45seg

Disponível em: <https://youtu.be/7YYdb6Cl-Mk>

Após a exibição do documentário, o mediador deverá conduzir o debate e ouvir os/as participantes sobre suas concepções, visões e opiniões a respeito da trajetória de Lélia Gonzalez.

Por fim, em grupos pequenos, cada grupo irá levantar nomes de lideranças mulheres negras que se destacaram e se destacam ao longo da história; e contar um pouco sobre suas contribuições sociais, podendo ser do cenário local ao nacional.

Ao final da oficina, o mediador deverá, junto com os participantes, avaliar o momento e perceber quais as opiniões e afetações causadas por ele.

Materiais necessários: datashow, notebook, caixinha de som (todos os materiais podem ser adaptados).

### ***Tema 03: O Movimento Negro Unificado e a Luta Por Direitos***

Os/as participantes serão acolhidos com a dinâmica do barbante que, ao ser desenvolvido, formará uma grande teia, dando-nos a ideia de colaboração mútua e participativa. Com o rolo de barbante em mãos, o mediador precisará escolher um lugar no qual todos os integrantes do grupo possam se posicionar em um grande círculo. Para dar início à dinâmica, o facilitador [você] precisa pegar a ponta do barbante e amarrá-la em seu dedo indicador.

Então, você se volta para o restante do grupo, dizendo o seu nome e fazendo uma apresentação pessoal. Diga o seu nome, e qual sua principal pauta de luta ou direito que você reivindica. Ao terminar a sua apresentação, jogue o rolo de barbante para qualquer outra pessoa do grupo e incentive-a a, também, amarrar o cordão em seu dedo indicador e a fazer uma apresentação pessoal, da mesma forma como você fez a sua. E quando essa pessoa terminar de se apresentar, peça que ela jogue o rolo de barbante para outra. A seguinte deverá fazer a mesma coisa, amarrar o barbante no dedo e se apresentar.

Quando todos tiverem terminado suas apresentações, o barbante terá formado uma grande teia no meio do círculo formado pelos integrantes do grupo. Dessa forma, peça para que todo mundo olhe e observe o emaranhado de conexões formadas.

Em seguida, apresente o tema da oficina: O Movimento Negro Unificado e a luta por direitos, discorra sobre a temática e, em seguida, exiba o documentário.

Título: CULTNE DOC - Seminário Memórias e Heranças - Lélia Gonzalez - UERJ

Duração: 01h44min

Disponível em: <https://youtu.be/41VciJspJg4>

Após a exibição do documentário, deverá ser conduzida uma roda de debate sobre a importância da vida militante de Lélia Gonzalez para o movimento negro e a luta por direitos.

Ao final da oficina, o mediador deverá, junto com os participantes, avaliar o momento e perceber quais as opiniões e afetações causadas por ele.

Materiais necessários: datashow, notebook, caixinha de som, barbante (todos os materiais podem ser adaptados).

\*\*\*\*\*

REF  
ER  
NC



AS

***Referências***



BARRETO, R. de A. **“Enegrecendo o feminismo” ou “Feminizando a Raça”**: narrativas de libertação em Ângela Davis e Lélia Gonzalez. Dissertação (Mestrado em História). PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2005.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC, 2004.

BRASIL. **Lei n. 11.645/2008**, de 10 de março de 2008. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2008/lei-11645-10-marco-2008-572787-publicacaooriginal-96087-pl.html>. Acesso em 10 dez. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>. Acesso em 15 dez. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **Plano nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília: MEC, SECADI, 2013. 104 p.

CARNEIRO, S. Mulheres em Movimento. **ESTUDOS AVANÇADOS**, 17 (49), 2003.

DAVIS, A. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FREYRE, G. (1900-1987). **Casa-grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2003.

GONH, M. da G. **Teorias dos Movimentos Sociais**: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos. Loyola: São Paulo, 2007.

GONZALEZ, L. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. **Revista de Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1980. p. 223-244.

GONZALEZ, L. Mulher negra, essa quilombola. **Folha de S. Paulo**, Folhetim. Domingo, 22 de novembro de 1981.

GONZALEZ, L. Lélia fala de Lélia. Revista de **ESTUDOS FEMINISTAS**. CIEVECO/UFRJ, n. 2, 1994.

GONZALEZ, L. Por um feminismo afro-latino-americano. In: HOLLANDA, H. B. de. **Pensamento Feminista Hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo Afro-latino-Americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Org. Flávia Rios, Márcia Lima. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, L.; HASENBALG, C. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: Marcozero, 1982

HALL, S. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

MARTINS, J de S. Para compreender e temer a exclusão social. **Vida Pastoral**, XLV (239), São Paulo: Editora Paulus, 1997.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. LANDER, E. (org.). **Perspectivas latino-americanas**. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. p.227-278.

RATT´S, A. AS AMEFRICANAS: Mulheres Negras e Feminismo na Trajetória de Lélia Gonzalez. **Fazendo Gênero 9**: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 2010.

RATT´S, A; RIOS, F. **Lélia Gonzalez**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

REIS, J.J. A presença negra: encontros e conflitos. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro, 2000.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SOUZA, J. **A Tolice da Inteligência Brasileira**: ou como o país se deixa manipular pela elite. Rio de Janeiro: LeYa, 2018.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro**: vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SPIVAK, G. **Puede Hablar el Subalterno?** Revista Colombiana de Antropologia (39), 2003. p. 297-364.

VIANA, E. do E. S. **Relações Raciais, Gênero e Movimentos Sociais: o pensamento de Lélia Gonzalez 1970-1990**. Dissertação (Mestrado em História Comparada). UFRJ. Rio de Janeiro, 2006.

\*\*\*\*\*

